

Jayme Caetano Braun - Payada Das Missões

.	Irmão gêmeo de Sepé
tom: Am	Retornei de muito longe
Am Meus irmãos de terr <u>i</u> tório	Trazendo a bêncão de um monge
É o pajador das missões	Am E do último pagé
Que repontou dos fogões	Que me ensinaram a __ fé
Am Seu bárbaro repertório	E a senha dos rapezodos
Que chega para um ajutório	Para acalmar os denodos
Do nativismo e da crença	De missioneiro andador
Cantar é mais do que uma doença	No ofício de pajador E Dm C E Am
Que mau-olhado ou quebranto E eu sou viciado no canto	E Dm C E Am Que é o mais crioulo de todos
E Dm C E Am E canto se dão licença	Desde então, canto - e cantando E
Tetraneto de cacique	Persigo o tempo que viaja Em qualquer parte onde haja
Bisneto de curandeira	Uma pátria se formando
Trago um breve da parteira	Um oprimido peleando
Dos ranchos de pau a pique	E uma causa em abandono
Isso talvez justifique E	Sem nunca pegar no sono Am
Essa imponência baguala	Onde existam espoliados
Do cantor que quando fala Am	Ou tiranos apossados E Dm C E Am
Do sorsal que quando canta	De coisas que não tem dono
Brotam notas da garganta E Dm C E Am	Eu canto a cordeona que chora <mark>E</mark>
Que até o silêncio se cala E se fui índio primeiro	E a guitarra que ponteia
E Deste chão abarbarado	<mark>A</mark> Dalva que fogoneia <mark>Am</mark>
Antes de ser espoliado	Quando vem clareando a aurora
Am Pelo ibérico estrangeiro	O pialo porteira a fora E
Depois de ser missioneiro	E o boi manso lambendo a canga
E Não caí sem resistência	Canto os lábios de pitanga <mark>Am</mark>
E na bárbara pendência Am	Que tem gosto de resina E o corpo doce da china
Do taura - sem Deus, nem lei	E Dm C E Am Respingando água da sanga
Eu mesmo me aquerenciei E Dm C Am	Eu canto a estrela bo <u>i</u> eira
Dentro da própria querência E se ela me foi tomada	Eu canto o céu estrelado
Num raio guacho de luz	Eu canto o berro do gado
Quando a beleza da cruz	Am Canto a vivência campeira
Curvou-se à força da espada	Canto as lides de mangueira
Extinta a chama sagrada E	E os remansos do açude E no instinto de índio rude
Que toda cultura encerra	Am Dos primeiros evangelhos
Eu que fui morto na guerra Am	Canto a esperança dos velhos
Num barbaresco repuxo	E Dm C E Am E as ânsias da juventude
Me transformei em gaúcho E Dm C E Am	Eu canto a infância - essa planta
E renasci sobre esta terra	E Que merece ser cuidada

Oferecimento Lojalele.com.br

A planta mais delicada Que nos ares se levanta Ela é a cultura mais santa Precisa de água e calor Porque Deus - nosso senhor Fez a luz, fez a umidade Pra que houvesse liberdade E Dm C E Am E dela, brotasse a flor Não gosto de cantar rios Mortos pelos insensatos Nem vítimas de artefatos Dos humanos desvarios Nem os corações vazios Dos escravos de a cabresto E dentro deste contexto Não quero cantar de novo Os ancestrais do meu povo Dm C E Am Mendigos vendendo cesto Eu canto o dia que nasce

Eu canto a tarde que morre Eu canto a sanga que corre E a lua que mostra a face E se o mundo se acabasse Numa tragédia bravia Assim mesmo eu cantaria Um mundo nascendo doutro Indiada domando potro E Dm C E Am E bugra lavando a cria Se acaso um dia, os feitores Dos quatro pontos cardeais Queimassem seus arsenais Mandando cultivar flores Nosotros, os pajadores Queimaríamos incenso No templo do pampa imenso Berço do ancestral andejo Que peleava por um beijo E Dm C E Am E morria por um lenço

Acordes

